

## O discurso sobre o feminismo no Jornal O Globo nos anos de 1920 e 1940: aspectos do “bom feminismo”

*The discourse about feminism in the newspaper O Globo during the 20's and 40's: aspects of the "good feminism"*

Michele Cristina Ramos GOMES (UFJF)  
*micheleros.uf@gmail.com*

Ana Cláudia Peters SALGADO (UFJF)  
*ana.peters@ufff.edu.br*

GOMES, Michele Cristina Ramos; SALGADO, Ana Cláudia Peters. O discurso sobre o feminismo no Jornal O Globo nos anos de 1920 e 1940: aspectos do “bom feminismo”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 206-228, ago./dez. 2017.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é refletir qualitativamente acerca do discurso sobre o feminismo em um texto da década de 1920 e um da década de 1940 publicados no jornal O Globo. Buscou-se analisar de que modo o jornal posicionava-se acerca do feminismo e de assuntos que envolviam os direitos da mulher naquela época. Assim, pretendeu-se verificar de que modo essa mídia impressa construía/propagava ideologias (THOMPSON, 1995) sobre a realidade social das mulheres. Para a análise dos textos, o trabalho contou com a abordagem teórica da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995, 2001 [1989], 2003, 2006 [1992]), que considera a língua como prática social. A análise do objeto em estudo apontou uma preocupação do jornal em abordar o feminismo de modo a delimitar as características do que seria o bom e o mau feminismo.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Mídia impressa. Feminismo.

**Abstract:** This paper aims to reflect qualitatively on the discourse about feminism in a text of the decade of 1920 and another of the decade of 1940 published in the newspaper O Globo. We sought to analyse how the printed media positioned itself on feminism and issues involving women's rights at that time. Thus, we intended to verify how this printed media constructed/propagated ideologies (THOMPSON, 1995) about the social reality of women. For the analysis of the texts, the work relied on the theoretical approach of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1995, 2001 [1989], 2003, 2006 [1992]), which considers language as a social practice. The analysis of the object under study pointed to a concern of the newspaper to approach feminism in order to delimit the characteristics of what good and bad feminism would be.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Printed media. Feminism.

“O que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser objeto de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua ‘natureza’, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade ‘da mulher’.” (Maria Rita Kehl, 1998).

## Introdução

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “*Sororidade, substantivo feminino*”: reflexões linguísticas e sociais sobre abordagens do feminismo no jornal O Globo, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

O interesse pelo tema “feminismo” surgiu de nossa vivência enquanto mulheres, pesquisadoras na globalização atual (KUMARAVADIVELU, 2006) e como sujeitos profundamente inseridos em uma sociedade que apresenta grande velocidade e quantidade de informação. Nesse cenário, temos acesso diariamente, pelos meios de comunicação de massa e principalmente pela internet, a inúmeros debates, reflexões, informações sobre assuntos variados, incluindo aí o feminismo que abrange as pautas ligadas à opressão das mulheres e as lutas (ainda atuais) pela conquista de direitos iguais. Essas questões estão relacionadas a uma perspectiva contestadora da antiga afirmação de que a mulher teria um papel social biologicamente determinado, apesar de o conjunto de ideias que circundam essa afirmação parecer estar ainda integrado culturalmente à sociedade atual.

Neste contexto, a intenção deste estudo é discutir questões relacionadas ao discurso sobre o feminismo em textos jornalísticos impressos e refletir se o discurso de associação da mulher ao determinismo biológico foi afirmado pelo jornal O Globo desde o

início de sua circulação. Isso pois “pode-se analisar uma sociedade pelos discursos que produz, pois o que emerge na materialidade do texto origina-se de sujeitos posicionados em um tempo e um lugar condicionados social e historicamente” (BENETTI, 2008, p. 16).

Desse modo, por meio de reflexões sobre dois textos retirados do acervo digital do jornal O Globo<sup>1</sup>, pretendemos neste trabalho, encontrar caminhos de compreensão sobre o modo como o feminismo estava presente na sociedade de 1920 e 1940. Os dados serão analisados tomando como base o arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, [2001] 1989, 1992, 1995, 2003) e, por meio de uma perspectiva qualitativa, pretendemos “contribuir para o entendimento de como o jornal se configura como um mecanismo social de linguagem” (BONINI, 2011, p. 65). Assim, buscamos refletir sobre conceitos e práticas atreladas à vida social, considerando o papel da linguagem em meio à vida em sociedade.

As etapas deste trabalho acontecerão da seguinte forma: na primeira seção, discorreremos sobre a *análise crítica do discurso* e alguns aspectos sobre ideologia e mídia; na segunda seção, refletiremos sobre a análise dos textos; por último, apontaremos as considerações finais.

## **Análise crítica do discurso, ideologia e mídia**

As reflexões acerca dos dados deste trabalho serão realizadas tomando como base teórica a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), cujo principal estudioso é Fairclough (2001 [1989], 2006 [1992], 1995). Segundo Fairclough (2001 [1989], p. 4, tradução nossa), a palavra

[...] crítica é usada no sentido especial de mostrar conexões que podem estar escondidas das pessoas – tais como conexões entre linguagem, poder e ideologia. [...] ACD analisa as interações de uma forma que se concentra em seus elementos linguísticos e que se propõe a mostrar seus aspectos determinantes geralmente ocultos no sistema de relações sociais, bem como os efeitos ocultos que eles podem ter sobre aquele sistema.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Site do acervo: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>.

<sup>2</sup> “*Critical* is used in the special sense of aiming to show up connections which may be hidden from people – such as the connections between language, power and ideology (...). CLS analyses social interactions in a way which focuses upon their linguistic elements, and which sets out to show up their generally hidden determinants in the system of social relationships, as well as hidden effects they may have upon the system.” (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 4).

Desse modo, “crítico” implica, segundo Fairclough (2001 [1989]), mostrar conexões e causas que estão ocultas, mas sugere também uma possível intervenção, por exemplo, fornecendo recursos de mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem. Como afirmam Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006), a análise crítica de um texto pode contribuir para expor o que antes pode ter sido invisível, bem como para questionar e desconstruir discursos consensuais e naturalizados.

O conceito de discurso é um dos aspectos importantes para a ACD, que o considera dotado de aspectos construtivos. Assim, o discurso contribui para construir: identidades sociais (função identitária), as formas por meio das quais as identidades são estabelecidas no discurso; as relações sociais (função relacional), como as relações sociais entre os participantes são representadas e negociadas; e o sistema de conhecimento e crença (função ideacional), o modo como os textos significam e representam o mundo (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, na ACD, discurso se refere ao uso da linguagem como uma “forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

No que se relaciona aos estudos sobre a mídia, a contribuição de Thompson (1995) enfatiza o papel dos meios de comunicação de massa na construção e propagação de formas simbólicas, por sua capacidade de transmitir significados a grandes públicos. A mídia atua, então, como um dos meios em que a ideologia se manifesta.

Para a ACD, todo discurso é repleto de ideologias cuja função é legitimar as relações de dominação na sociedade. No livro *Language and Power*, Fairclough (2001 [1989], p. 3, tradução nossa) aponta para essas questões ocultas no discurso:

[...] Dado meu foco em ideologia, isso significa ajudar as pessoas a perceberem o quanto a linguagem delas está baseada em pressupostos de senso comum, e o modo como esses pressupostos de senso-comum podem estar moldados por relações de poder.<sup>3</sup>

Notamos, portanto, que o conceito de ideologia é central para a ACD. Segundo Fairclough (2001, p. 117),

[...] as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos

<sup>3</sup> “Given my focus on ideology, this means helping people to see the extent to which their language does rest upon common-sense assumptions, and the ways in which these common-sense assumptions can be ideologically shaped by relations of power.” (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 3).

das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

A ideologia no discurso está, portanto, atrelada ao senso comum. Sendo dotada de aspectos de poder que, no geral, não estão conscientes para a maioria da sociedade. É nesse sentido que Thompson (1995) aponta para a existência de tensões e conflitos derivados da apropriação localizada dos produtos da mídia na construção reflexiva de identidades: “[...] com o desenvolvimento da mídia, indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos que podem ser incorporados reflexivamente no projeto de autoformação” (THOMPSON, 1995, p. 158).

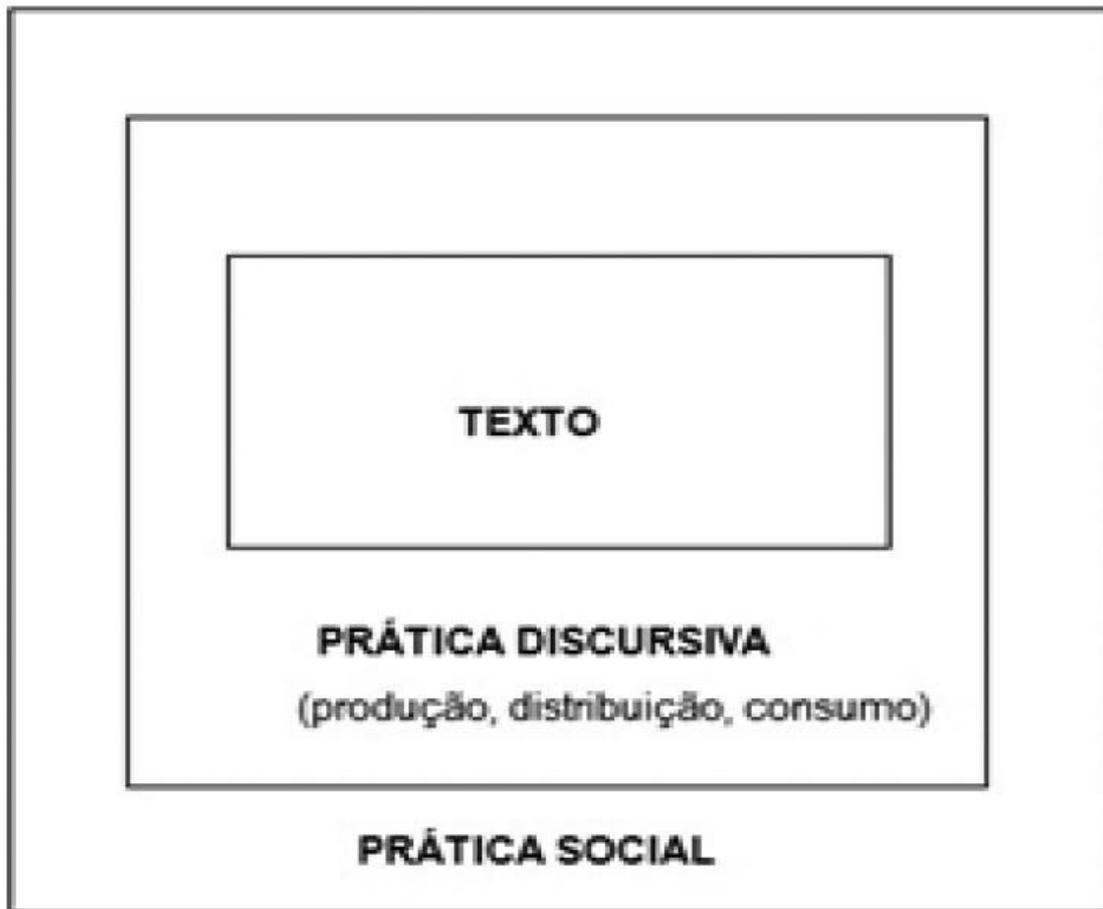
Neste contexto, Fairclough (2001) destaca a utilidade da ACD para analisar o discurso midiático como um espaço de poder, pois, segundo o autor, a mídia “[...] oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 202). Assim, os estudos da ACD, enquanto reveladores de ideologias ocultas ou expostas no discurso, são produtivos para reflexões que envolvem a mídia e a sociedade, já que a mídia exerce grande influência social e, em muitos casos, atua como niveladora de atitudes e comportamentos que se tornam socialmente naturalizados. Nesse sentido, o ponto central da ACD é analisar o modo como o discurso contribui tanto para a reprodução quanto para a transformação das sociedades (FAIRCLOUGH, 2001 [1989]).

Desse modo, para que a análise seja realizada de modo satisfatório e multidimensional, Fairclough (2001) desenvolve a *análise tridimensional do discurso* (doravante ATD), que

[...] permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social. (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 27).

A figura a seguir nos permite compreender as relações entre as três dimensões:

Figura 1 – Análise Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough (2006).

Conforme notamos na Figura 1, a ATD engloba o texto, a prática discursiva e a prática social, conforme Fairclough (2001 [1989], p. 101). Nessa concepção, todo texto está envolvido por processos de produção, distribuição e consumo (práticas discursivas), que variam de acordo com fatores sociais – circunstâncias sociais e ideológicas do discurso (práticas sociais). Já a análise do texto materializado engloba vocabulário, gramática, coesão e estrutura.

Apresentamos as categorias analíticas propostas no modelo tridimensional:

Quadro 1 - Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

<b>Texto</b>	<b>Prática discursiva</b>	<b>Prática social</b>
Vocabulário	Produção	Ideologia
Gramática	Distribuição	Sentidos
Coesão	Consumo	Pressuposições
Estrutura textual	Contexto	Metáforas
	Força	Hegemonia
	Coerência	Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas
	Intertextualidade	

Fonte: Fairclough (2001).

Percebemos, assim, que a possibilidade de revelar ideologias e aspectos relacionados a poder, geralmente ocultos nos textos, demonstra probabilidade de revelar aspectos que podem ser usados na luta contra desigualdades, tais como as que estão relacionadas às relações de gênero e ao feminismo.

No que se relaciona ao objeto de estudo deste trabalho, na época selecionada para análise, o jornal O Globo estava no início de suas atividades, uma vez que foi fundado em 1925 por Irineu Marinho. Posteriormente, as empresas jornalísticas das Organizações Globo (Grupo Globo, a partir de 25 de agosto de 2014) foram comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho (PRINCÍPIOS, 2017). O site sobre a obra do Roberto Marinho nos informa sobre a história do jornal e afirma que

[...] O Globo foi fundado em 1925, numa época de turbulência no cenário político. Integrantes da Coluna Prestes cruzavam o Brasil com denúncias contra o governo de Arthur Bernardes. O jornalista Irineu Marinho também passava por um período conturbado. Na volta de um tratamento de saúde, na Europa, o jornalista perdeu a direção de A Noite. Mesmo traído pelo sócio, levantou a cabeça, reuniu aliados e criou o novo jornal. Nascido da adversidade, O Globo se consolidou pelas mãos de um jovem. O filho de Irineu, Roberto Marinho. Com a habilidade e a vocação do pai, o jornalista trabalhou com afinco junto aos companheiros de redação e, em pouco tempo, tornou-se o diretor-redator-chefe do periódico. O Globo virou sua paixão. Rigoroso, com faro para a notícia, atento aos detalhes, Roberto Marinho acompanhou, passo a passo, a produção do impresso: da apuração dos fatos à repercussão nas bancas. O Globo tornou-se um diário influente, com uma das maiores tiragens do país. (O GLOBO, 2013)

É importante ponderar que, segundo os princípios editoriais do site do jornal, o conceito de jornalismo que direciona a prática do veículo é considerá-lo como

[...] aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos os fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (PRINCÍPIOS, 2017)

Conforme notamos, o jornal parece reconhecer que alguns eventos interferem na atuação do jornal, mas procura uma aproximação da neutralidade e objetividade.

Na próxima seção deste trabalho, ponderaremos sobre os textos selecionados para análise.

## **Reflexões sobre os textos**

Nesta seção, apresentaremos reflexões sobre o discurso sobre o feminismo veiculado pelo jornal O Globo – objeto de estudo – nos anos de 1920 e 1940. Os fragmentos dos textos que foram selecionados para análise serão identificados durante a análise pelas letras do alfabeto.

É importante pontuar que os textos são documentos de pesquisa que podem ser explorados de muitos modos, conforme os recortes realizados e os objetivos da pesquisa, mediante o olhar do pesquisador. Consideramos, como Fairclough (1995), que analisar um discurso significa debruçar-se sobre a reflexão de como os textos se inserem na prática social, mas também são resultado dessa prática.

Conforme apontamos na seção anterior deste trabalho, a Análise Tridimensional do Discurso orienta a análise dos textos na ACD e envolve três eixos: a prática linguística, a prática discursiva e a prática social. Assim, todo texto (prática linguística) está envolvido por processos de produção, distribuição e consumo (práticas discursivas), que variam de acordo com fatores sociais – circunstâncias sociais e ideológicas do discurso (práticas sociais). Desse modo, é importante salientar que as reflexões sobre os textos serão realizadas de maneira a conjugar as três dimensões da proposta da análise crítica do discurso de Fairclough, de modo dinâmico, uma vez que as etapas são interdependentes.

Assim, nas próximas duas subseções, debruçar-nos-emos sobre as reflexões quanto aos dois textos selecionados.

*O exemplo de D. Heloisa Alberto Torres*

Texto 1 (ANEXO 1):

24 de agosto de 1925, Vespertina, Geral, página 1

Elevando a mulher e honrando um grande nome  
O EXEMPLO DE D. HELOISA ALBERTO TORRES  
Palavras da vitoriosa do Museu Nacional

D. Heloisa Alberto Torres acaba de conquistar, com brilho desusado, a cadeira de professora de Antropologia, do Museu Nacional. Conquistou a num concurso memorável, pelo valor dos candidatos e pelo dificultoso das provas. Teve, assim, duas glórias: a de revelar-se no nosso mundo científico, e a de honrar o nome do seu pai, um dos grandes orgulhos do país em todos os domínios da inteligência e da cultura. Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo, mostrando como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice, para a discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso. O Brasil, aliás, não tem de que se envergonhar neste particular e o exemplo de D. Heloisa Alberto Torres há de ser imitado, sem dúvida, por outras patrícias, dignas do direito a inspirarem os mais altos postos técnicos. Ali está a jovem professora, numa das galerias do Museu Nacional. Vamos falar-lhe, mas vemos que lhe prende a atenção um objeto que vem desenhando.

- Perdoe se interrompemos seus estudos. Mas, depois de uma grande vitória, convém descansar...

- Está perdoado, mesmo porque isso não é mais estudo. Estou desenhando um dos exemplares que nos tocaram, por sorte, em uma prova de matemática... desejo guardar uma lembrança...

E enquanto debaixo dos seus dedos hábeis, iam surgindo, com todo o vigor das linhas e das sombras, a forma das peças, como se a houvessem depositado sobre o papel, a palestra se estabelecia...[...]

O texto a ser analisado intitula-se “O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres” e trata-se de uma entrevista com uma mulher que, após realizar concurso, passou a ocupar um cargo de professora no Museu Nacional. Para Schneuwly e Dolz (1997, p. 13), “[...] a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro

entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)”. Assim, no que tange à estrutura textual, a entrevista conta com um texto introdutório, no qual geralmente apresenta-se o entrevistado e algo relevante sobre a sua relação com o tema que norteará a entrevista e, posteriormente, o texto é dividido entre perguntas e respostas.

O texto não informa ao leitor o nome da pessoa que realizou a entrevista. Antes do título, há a frase “Elevando a mulher e honrando um grande nome” e, depois do título, a frase “Palavras da vitoriosa do Museu Nacional”. Assim, no que se relaciona às frases-título já podemos inferir algumas considerações de vocabulário: o escritor da entrevista considera a entrevistada um exemplo para outras mulheres. Assim, podemos pressupor que um comportamento contrário ao da entrevistada seria, segundo o jornal, considerado errado. Isso porque no sentido da palavra “exemplo”, do título, está implícita a informação de que a pessoa designada se trata de um modelo do que é bom e correto. Ademais, esse significado é consoante com a expressão “elevando a mulher”, na qual a palavra “elevando” aparece sugerindo que a mulher, em geral, ocupa um “lugar social” que necessita ser colocado em uma posição superior.

Já a outra parte da frase “honrando um grande nome”, relaciona-se, como percebemos no texto, ao pai da entrevistada que era conhecido no país, naquela época, e ocupava um lugar de destaque social. Na composição da última frase que compõe o título, por sua vez, “Palavras da vitoriosa do Museu Nacional”, há o uso da palavra “vitoriosa”, a qual podemos estabelecer uma relação semântica com a afirmação “alguém que venceu uma batalha ou uma guerra”<sup>4</sup>. Isso se torna mais notável se lembrarmos que o ano de 1925 (em que o texto foi publicado) é posterior ao final da primeira guerra mundial, momento em que possivelmente vocábulos relacionados a esse grupo semântico de palavras era bastante usado em meios de comunicação, porém essa hipótese necessita de um estudo para ser confirmada.

Ao avançar a leitura do texto, percebemos o grande destaque que o jornal atribui ao pai de D. Heloisa ao invés de evidenciar a própria entrevistada. Isso é perceptível, além da frase já citada, no seguinte fragmento, que denominarei de (A):

<sup>4</sup> Fonte: *Word Routes*: Dicionário Temático do Inglês Contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

(A) [...] Teve, assim, duas glórias: a de revelar-se no nosso mundo científico, **e a de honrar o nome do seu pai**, um dos grandes orgulhos do país em todos os domínios da inteligência e da cultura.

Notamos, nesse fragmento (A), que o jornal considera a “glória de honrar o nome do pai” tão (ou mais) importante quanto ser aprovada no concurso. Dessa forma, o jornal parece atribuir grande parte da conquista de D. Heloisa aos méritos do pai e, apesar da “vitória” de Heloisa, o jornal destaca o pai e não a filha como “um dos grandes orgulhos do país”. Ademais, o uso do pronome “nosso” na frase “no nosso mundo científico”, pode estar relacionado a um mundo científico que, em sua maioria, é ocupado por homens, em um sentido restritivo. Esses aspectos revelam a centralidade do papel do homem na sociedade do ano de 1925, momento em que às mulheres ainda não era concedido o direito ao voto e a vida pública era bastante limitada, apesar de já existirem, desde 1920, movimentos como a *Liga para a Emancipação Internacional da Mulher*<sup>5</sup> no Rio de Janeiro.

Em outro fragmento (B) do texto, percebemos de que modo o feminismo é abordado pelo jornal. Notamos associações realizadas ao que seria supostamente um “bom feminismo” e um “mau feminismo”:

(B) Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo mostrando **como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice**, para a discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso.

Nesse trecho, o “bom feminismo” associa-se à ciência e ao trabalho apropriado e honroso. O adjetivo “apropriado” possui como sinônimos as palavras “oportuno” e “adequado” (FERREIRA, 2009). Já a palavra “honroso” relaciona-se a algo feito com honra e restringe tal atributo ao feminismo relacionado ao trabalho e à ciência. O “mau feminismo”, por outro lado, refere-se, segundo o jornal, à “discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua”.

Então, se o feminismo adequado e honrado se limita ao universo

<sup>5</sup> A *Liga para a Emancipação Internacional da Mulher* foi um grupo de estudos cuja preocupação principal era batalhar pela igualdade política das mulheres e foi fundado por Maria Lacerda de Moura e a bióloga Bertha Lutz no Rio de Janeiro. (TELES, M. A., 1993).

do trabalho e da ciência, esses outros assuntos não são, portanto, dignos de honra e são inadequados. Se considerarmos ainda que, em muitos contextos tradicionais, dizer que a mulher “perdeu a honra” trata-se de uma grande ofensa, o jornal está associando a ausência de honra às mulheres praticantes do “mau feminismo”. Ademais, esse “mau feminismo” se volta para “o palanfrório” e a “politiquice”<sup>6</sup> e, portanto, as mulheres não deveriam praticá-lo. Isso vai ao encontro do que afirma Gregolin (2007), quando aponta que os meios de comunicação colocam em circulação enunciados que regulamentam as formas de ser e agir.

No fragmento (C) abaixo, notamos uma preocupação do jornal em mostrar que apesar de D. Heloisa agora ocupar um cargo importante, possui ainda características que são comumente associadas ao sexo feminino, como habilidade para trabalhos manuais, por exemplo:

(C) E enquanto debaixo dos seus **dedos hábeis**, iam surgindo, com todo o vigor das linhas e das sombras, a forma das peças, como se a houvessem depositado sobre o papel, a palestra se estabelecia...

No fragmento (C), a expressão “dedos hábeis” parece evidenciar a destreza e a gentileza de D. Helena, e a beleza da ação é ainda ressaltada pelo tom poético com que as palavras estão associadas: “iam surgindo”, “vigor das linhas e sombras”, “forma das peças”. Essa e outras particularidades associadas ao gênero feminino estão inseridas em práticas discursivas e sociais, e demonstram relacionarem-se a ideologias naturalizadas na sociedade. Em outra escala, essas ideias internalizadas de diferenças entre os sexos servem como justificativa para a manutenção de relações de dominação. Como aponta Fairclough (2001), as ideologias são significações/construções da realidade, manifestadas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que colaboram para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Percebemos, portanto, que atrelado ao conceito de feminismo apresentado pelo jornal está o senso comum da época fincado no determinismo biológico, ou seja, no pensamento de que a função social

<sup>6</sup> Segundo o dicionário *online* de Português, o significado de “palanfrório” é: “reunião de palavras desconexas; discurso sem nexos; conversa insignificante. Já “politiquice” relaciona-se à uma “política reles e mesquinha de interesses pessoais”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/palanfrorio/>> e <<https://www.dicio.com.br/politiquice/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

da mulher estaria ligada ao trabalho no lar e que ela não deveria lutar por direitos. A mídia, nesse sentido, comporta-se como construtora de narrativas exemplares que reafirmam as vantagens de agir de determinado modo (GREGOLIN, 2007). No caso desse fragmento, de agir de acordo com o que é considerado “bom feminismo”.

Desse modo, a ideologia apresentada pelo jornal e que perpassa as ideias desse texto é consoante com uma época em que as lutas pelos direitos das mulheres iniciavam-se no Brasil ainda muito timidamente, eram recebidas com muitas ressalvas e seriam – como sabemos atualmente – fruto de discussões prolongadas por muitas décadas.

No próximo subtópico, refletiremos sobre os aspectos linguísticos e sociais presentes no texto selecionado da década de 1940.

### *Feminismo não é masculinização*

O texto selecionado para a década de 1940 intitula-se “Feminismo não é masculinização”, e é um texto no qual encontramos o gênero textual “entrevista” e o gênero textual “artigo de opinião”:

Texto 2 (ANEXO 2):

21 de novembro de 1942, Vespertina, Geral, página 6

### Feminismo não é masculinização...

“A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres e a condutora dos filhos pelos labirintos da vida”

Só no terreno intelectual é que devem ser equivalentes os direitos dos dois sexos – Outras surpresas na sinceridade da tese de uma escritora paulista

A IV Convenção Nacional de Mulheres, realizada recentemente no Rio, condensou os pontos de vista da mulher brasileira, de modo que pudesse a Sra. Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, representante do Brasil no Congresso Feminino a se reunir em Washington, exprimir e defender naquele conclave, o verdadeiro pensamento das feministas do país. Nessa convenção, muitos valores novos surpreenderam, relevando ideias e temas que muito recomendam a cultura e a formação da mulher brasileira. Das teses apresentadas, uma obteve singular

êxito e repercussão. Foi a da escritora paulista Hecilda Clark Ferreira. Colocando-se num ângulo oposto ao das feministas que só entendem a emancipação da mulher como uma tentativa para verdadeira masculinização, aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos. Numa palestra com O GLOBO, a Sra. Hecilda Clark Ferreira assim explica a sua tese:

– Realmente, a tese que tive a honra de apresentar à Convenção versou sobre o preparo cultural da mulher, tanto assim que a intitulei de “A cooperação da mulher como fator imprescindível à civilização dos povos, e a cultura como veículo seguro à emancipação da mulher”. No meu ponto de vista, a educação deve ser a maior preocupação da mulher, porquê sem instrução não pode haver nacionalidade forte. A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres; e a condutora dos filhos pelos labirintos intrincados da vida. Pela imprensa e na tribuna venho, há longo tempo, tratando do magno assunto, desdobrando temas nos seus diferentes aspectos, exemplificando fatos, focalizando épocas afim de caracterizar as minhas afirmativas em relação à questão. Francamente a vitória do feminismo não está na dependência da masculinização da mulher, de vez que é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer, conduzindo a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência. Julgo errôneas as opiniões que vêm medrando nesse terreno tão ingrato, que só tem servido para desorientar os adeptos sinceros e a ação dos propugnadores do verdadeiro feminismo, cujo êxito depende, unicamente, de um preparo racional afim de que venha da adolescência a convicção do ideal, e assim aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro. É necessário afirmar que à mulher cabe a elevada missão de transmitir, com acerto, aos descendentes de uma raça o conceito perfeito dos deveres para com a família, a sociedade, a Pátria e a humanidade. Só considero equivalentes os direitos que outorgam capacidade intelectual na conquista do renome, nas letras, nas artes, nas ciências e na política. Na minha juventude, quando a inteligência se me foi aclarando para os diversos conhecimentos da vida, comecei a pensar seriamente na emancipação da mulher, certa de que a sua vitória depende sobretudo do preparo intelectual, da educação que se venha processando através das gerações.

O texto foi publicado pelo jornal O Globo, em 21 de novembro de 1942, e apresenta a opinião da escritora paulista Hecilda Clark Ferreira sobre o feminismo. Segundo o texto, a escritora participou da *IV Convenção Nacional de Mulheres* e apresentou uma tese que, segundo O Globo, “obteve singular êxito e repercussão”. Nessa frase, a escolha do vocabulário, tal como “singular êxito”, demonstra que as concepções sobre o que seria um “bom feminismo” que a escritora defende são compartilhadas pelo jornal, conforme ponderaremos posteriormente.

Sobre os aspectos estruturais do texto “Feminismo não é masculinização”, uma vez que identificamos o gênero textual “entrevista”, encontramos características desse gênero de texto. O texto apresenta algumas informações sobre a escritora que expõe sua opinião sobre o tema – feminismo, e a presença de aspas nos indica que se trata de um discurso direto, caracterizando, desse modo, uma entrevista. Posteriormente, há um longo trecho no qual a entrevistada – sobre a qual não obtive êxito ao realizar busca biográfica – defende sua tese.

O título do texto “Feminismo não é masculinização...” é seguido de dois subtítulos: “A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres e a condutora dos filhos pelos labirintos da vida” (que está originalmente entre aspas, indicando que se trata de uma fala da entrevistada) e “Só no terreno intelectual é que devem ser equivalentes os direitos dos dois sexos – Outras surpresas na sinceridade da tese de uma escritora paulista”. Nos fragmentos (A) e (B), a seguir, notamos os contextos em que são retomados o título do texto:

- (A) Colocando-se num ângulo oposto ao das feministas que só entendem **a emancipação da mulher como uma tentativa para verdadeira masculinização**, aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos.
- (B) Francamente **a vitória do feminismo não está na dependência da masculinização** da mulher, de vez que **é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer**, conduzindo a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência.

O primeiro fragmento (A) relaciona-se à parte do texto produzida pela editoria do jornal, e o segundo fragmento (B), é um recorte da fala da entrevistada, Hecilda Clark Ferreira. Desse modo, no fragmento (A), o jornal O Globo transparece, por meio da frase “aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos”, que a opinião da escritora sobre o tema expressa a opinião das mulheres em geral. E, além disso, que ideias diferentes das apontadas por Hecilda são “excessos” e “exotismos”. Esse último termo apresenta como sinônimos, entre outros, as palavras “esquisitice”, “incomum” e “excentricidade”<sup>7</sup>, possivelmente evidenciando a perspectiva (negativa) do jornal sobre um feminismo diferente daquele pensando por Hecilda.

Neste contexto, notamos o jornal O Globo exercendo algumas das funções básicas da mídia, que são, para Alexandre (2001, p. 113): “informar, divertir, persuadir e ensinar”, conforme apontei no capítulo sobre comunicação de massa. Ademais, a frase da escritora, no fragmento (B), “é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer”, demonstra que, segundo sua opinião, o feminismo que busca igualdade tende à masculinização e não é positivo, é “irracional” – ao considerar a sinonímia da palavra “ilógico”<sup>8</sup>. É importante considerar que comumente na sociedade o que está relacionado à irracionalidade é avaliado como inferior ao que está no campo da racionalidade.

No fragmento (C), percebemos as características que a escritora entrevistada atribui ao “verdadeiro” ou “bom” feminismo, que estaria, segundo ela, atrelado à racionalidade:

- (C) Julgo errôneas as opiniões que vêm medrando nesse terreno tão ingrato, que só tem servido para desorientar os **adeptos sinceros** e a ação dos propugnadores do **verdadeiro feminismo**, cujo êxito depende, unicamente, de um preparo racional afim de que venha da adolescência a convicção do ideal, e assim **aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro.**

O fragmento (C) acima, mostra que a autora considera que os adeptos de um conceito de feminismo diferente do dela não são sinceros:

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exotismo/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ilogico>>. Acesso em: 13 set. 2017

“só tem servido para desorientar os adeptos sinceros”. Ademais, na frase “aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro”, percebemos a concepção biológica da função social da mulher, ideologia que foi culturalmente naturalizada entre as pessoas. Sobre isso, Giffin (1991, p. 190-191) pondera que

[...] antes do ressurgimento do movimento feminista na década de 60, a identidade feminina e a condição social da mulher eram referidas a fatores biológicos: estatura menor, menor força muscular, as dimensões do cérebro e o processo reprodutivo que “enfraquecia” caracterizavam a chamada “inferioridade biológica da mulher” (SCHELKY, 1955) — conceito aceito tanto no discurso científico como na sociedade em geral. Na mulher feita para ser mãe (ter um útero significa parir) via-se uma correspondência perfeita entre atributos físicos e funções sociais.

A ideia desse determinismo biológico feminino foi contestada por Simone de Beauvoir mais de 20 anos depois, a partir da célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1967 [1949], p. 9). Para a escritora francesa, a identidade feminina é formada no âmbito da cultura e, portanto, é histórica e social. Contudo, no ano de 1942, muito anterior às discussões influenciadas por Simone, o feminismo que discutia esse determinismo biológico parecia ser bastante questionado (e repudiado) até mesmo pelas mulheres, como notamos por meio da opinião de Hecilda, a entrevistada no texto. Nesse cenário, o fragmento (D) também vai ao encontro da compreensão biológica do papel da mulher:

(D) É necessário afirmar que **à mulher cabe a elevada missão de transmitir, com acerto, aos descendentes de uma raça o conceito perfeito dos deveres para com a família, a sociedade, a Pátria e a humanidade.**

Por meio do uso da palavra “missão”, a escritora sugere que a mulher nasceu para tal função, a de educar não só os filhos, mas transmitir bons valores para toda a sociedade. Ou seja, segundo as ideias de Hecilda e corroborado pelo jornal O Globo, a mulher deve agir de modo a ser um exemplo para a sociedade. Nesse ponto, é importante lembrarmos que o país vivia sob a ditadura de Vargas no Estado Novo (1937-1945), época em que havia grande incentivo e propaganda do Estado em promover as características que faziam dos homens cidadãos, como o trabalho e a família.

Nos trechos seguintes (E) e (F), Hecilda demonstra o que acredita estar relacionado ao “bom feminismo”. Segundo ela, a emancipação deve atrelar-se à educação da mulher:

(E) Realmente, a tese que tive a honra de apresentar à Convenção versou sobre o preparo cultural da mulher, tanto assim que a intitulei de “A cooperação da mulher como fator imprescindível à civilização dos povos, **e a cultura como veículo seguro à emancipação da mulher**”. No meu ponto de vista, **a educação deve ser a maior preocupação da mulher**, porquê sem instrução não pode haver nacionalidade forte.

(F) **Só considero equivalentes os direitos que outorgam capacidade intelectual na conquista do renome, nas letras, nas artes, nas ciências e na política.** Na minha juventude, quando a inteligência se me foi aclarando para os diversos conhecimentos da vida, comecei a pensar seriamente na emancipação da mulher, certa de que a sua vitória depende sobretudo do preparo intelectual, da educação que se venha processando através das gerações.

Por meio da leitura dos fragmentos (E) e (F), notamos que a escritora considera que apenas no campo da intelectualidade é que os direitos entre homens e mulheres são equivalentes. Ela afirma que a cultura é “veículo seguro” para a emancipação, demonstrando um certo receio do que a liberdade feminina poderia significar para a mulher. No fragmento (B), observamos que Hecilda sugere que o “mau feminismo”, ou seja, aquele que busca igualdade em outros campos que não a educação, pode conduzir “a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência”. Essa frase revela medo e insegurança mediante os questionamentos e mudanças que aconteciam com relação à vida da mulher na sociedade.

Esses aspectos do texto “Feminismo não é masculinização”, de 1942, no que se relaciona ao que deveria ser considerado um “bom feminismo”, vai ao encontro das ideias expressas no texto “O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres”, de 1925, principalmente no fragmento:

[...] Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo mostrando como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice, para a discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso. (Fragmento do ano de 1925, Texto 1).

Percebemos, então, que ambos consideram que o feminismo correto e que deveria ser seguido pelas mulheres deveria ser o que lutasse por direitos iguais apenas no campo da educação e da ciência. Portanto, conforme as reflexões sobre o discurso jornalístico do ano de 1942 sugerem, aceitava-se um feminismo com ressalvas – não muito diferente daquele de 1925 – e ainda com muita dificuldade em considerar a mulher com “novos olhos”, direcionados à liberdade nos diversos meios sociais. Nesse cenário, a mídia pôde, hipoteticamente, contribuir para, através de uma autorreflexão do público feminino leitor, inibir movimentos de emancipação feminina que visassem a igualdade de direitos em setores além da educação.

Para Fairclough (1995), contudo, a reflexividade crítica é o caminho para uma possível desconstrução das relações assimétricas presentes na sociedade e ela pode ocorrer nos diferentes contextos, considerando que os leitores são construtores ativos dos significados que consomem. Nesse sentido,

[...] não se pode pressupor que os indivíduos que recebem as mensagens da mídia, pelo simples fato de recebê-las, serão impelidos a agir de maneira imitativa e conformista e, com isso, tornarem-se prisioneiros de uma ordem social que suas ações – e as mensagens que, supostamente, os impeliram – prestam-se a reproduzir. (THOMPSON, 1995, p. 345)

Assim, trazer à tona aspectos (ocultos) de opressão presentes no discurso é um modo de caminhar para a mudança social e um degrau para a construção da igualdade, uma vez que refletir sobre o passado e as mudanças que ocorreram ou não até o momento presente é importante para a avaliação da sociedade atual. Nesse caso, pensar sobre a igualdade entre os sexos.

## Considerações finais

O objetivo deste estudo é refletir qualitativamente sobre questões relacionadas ao discurso sobre o feminismo em dois textos jornalísticos impressos e, assim, ponderar se o discurso (ainda) atual de associação da mulher ao determinismo biológico foi (também) construído pelo

jornal O Globo desde o início de sua circulação.

Por meio da análise de dados realizada, percebemos como esse jornal atuava de modo a reproduzir e incentivar um pensamento feminista que fosse ligado apenas ao campo da educação, não fortalecendo os avanços da mulher na sociedade, apresentando, assim, algumas mudanças nos discursos e posturas, mas também posições de retaguarda.

Contudo, conforme consideramos, os discursos são potencialmente propulsores de mudanças sociais e essas podem ser ocasionadas partindo de processos de conscientização/reflexão sobre aspectos ocultos de poder presentes na linguagem de ontem e de hoje. Nesse sentido, a realização deste estudo buscou, através de uma análise crítica de afirmações do passado, também o empoderamento, a conscientização para a ação e a reflexão de como esses aspectos podem ter afetado o modo como o feminismo está presente na sociedade nos dias de hoje.

## Referências

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 57-71.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. **Language and power**. Pearson Education, 2001 [1989].

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

\_\_\_\_\_. **Analyzing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discourse and social change**. 11. ed. Cambridge: Polity Press, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GIFFIN, K. M. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. **Cadernos de saúde pública**, v. 7, n. 2, p. 190-200, 1991.

GREGOLIN, M. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A.C.; FIGUEIREDO, D. C. Linguagem e gênero: uma introdução. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Eds.) **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006. pp. 07-12.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

O GLOBO. **Memória Roberto Marinho**. 2013. Disponível em: <<http://www.robortomarinho.com.br/obra/o-globo.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

PRINCÍPIOS Editoriais. **O Globo**. 2017. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

TELES, M. A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em: 25 de jun. de 2017.

Aceito em: 11 de set. de 2017.

ANEXO 1

ELEVANDO A MULHER E HONRANDO UM GRANDE NOME

# O exemplo de D. Heloisa Alberto Torres

PALAVRAS DA VICTORIOSA DO MUSEU NACIONAL

D. Heloisa Alberto Torres acaba de conquistar, com brilho desusado, a cadeira de professora de Anthropologia, do Museu Nacional. Conquistou-a num concurso memoravel, pelo valor dos candidatos e pelo difficiloso das provas. Teve, assim, duas glorias: a de revelar-se no nosso mundo scientifico e a de honrar o nome de seu pae, um dos grandes orgulhos do paiz, em todos os dominios da intelligencia e da cultura. Junto-se a isto a força suggestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo, mostrando como elle não se deve voltar para o palanfrorio e poliducto, para a discussão dos coxos e do amor, dos direitos no lar e na rua, e, sim, para a sciencia, ou para o trabalho apropriado e honroso. O Brasil, aliás, não tem de que se envergonhar neste particular e o exemplo de D. Heloisa Alberto Torres ha de ser imitado, sem duvida, por outras patricias, dignas do direito de aspirarem os mais altos postos technicos.



D. Heloisa Alberto Torres

Ali está a joven professora, numa das galerias do Museu Nacional. Vamos falar-lhe, mas vemos que lhe prende a attenção um objecto que vae desenhando.

— Perdoe-se interrompemos os seus estudos. Mas, depois de uma grande victoria, convém, talvez, descansar...

— Está perdoado... Mesmo porque isso não é mais estudo. Estou desenhando um dos exemplares que nos tocaram, por sorte, em uma prova pratica... Desejo guardar uma lembrança...

E, enquanto debaixo dos seus dedos habéis, iam surgindo, com todo o vigor das linhas e das sombras, as formas das peças, como se a houvessem depositado sobre o papel a palestra ao estabelecido.

D. Heloisa Alberto Torres nasceu no Rio de Janeiro. Foi educada no Collegio de Sion, em Petropolis e na Inglaterra. Não é "doutora..."

— Nunca tive tempo para pensar nisso, diz-nos a filha de Alberto Torres. Meu pae, como todos sabem, era um estudioso apaixonado de todos os problemas sociais, particularmente dos problemas brasileiros. Devô-lhe o gosto pela "historia natural do homem". Ainda agora possuo muitos dos seus livros de anthropologia que me têm servido immensamente.

Foi elle, pois, o meu iniciador na sciencia. Logo depois do seu fallecimento, comecei a aperfeicoar os meus conhecimentos de historia natural, no Museu Nacional, então dirigido pelo professor Bruno Lobo. Ahí encontrei, no professor Roquette Pinto, um mestre como o Brasil não conta muitos... Conhece o professor Roquette Pinto? De certo.

— Sei disso... Mas é preciso indagar de alguém que tenha acompanhado as suas lições theoreticas e as suas demonstrações praticas, que professor ali está... Elle conhece o segredo de fazer dos seus alumnos outros tantos apaixonados daquillo que ensina. Foi mais ou menos o meu caso. O que eu recebi de meu pae foi então desdobraado pelo meu novo professor. Tudo o que sei em materia de historia natural especialisada e anthropologia, além do ensino de meu pae, devo ao Museu, sem esquecer o que aprendi com o illustre professor Costa Lima, meu mestre de micrographia e com os meus illustres amigos, os professores Alvaro Osorio de Almeida e Narcimento Gurgel.

Além disso, em 1922 a sorte me permitiu um aperfeicoamento em meus conhecimentos. Naquelle anno, o Museu começou a colher dados para a anthropologia do povo brasileiro. Eu e algumas collegas, ficamos encarregadas da anthropometria feminina. Madimos muitas centenas de moças da companhia telephonica, fabricas, esco-

las, etc. Data dessa época o que posso chamar meus estudos specialisados de anthropologia. Ao mesmo tempo, acompanhei os trabalhos que o Museu publicava, desde aquella data, concorrendo mesmo com parcella minima, é verdade, para alguns delles. Assim, traduzi para o inglez uma notavel memoria do professor Roquette Pinto, sobre facies indigenas do Paraguay e para o francez, uma importante monographia, escripta em collaboração pelo professor Roquette Pinto e pelo professor Benjamin Daptista da Faculdade de Medicina, sobre a "Dissecção de uma india do Brasil". Primeira dissecção completa de um individuo dessa raça.

— Então, está muito contente?

— De certo. Sobretudo, quando soube que a victoria foi devida á minha prova escripta e ás minhas provas praticas.

E deixamos a nova professora que, sorrindo, proseguia nos seus desenhos, nas suas lembranças, multiplicados, sem duvida, depois que a nossa curiosidade as despertara.

## Contra a crise industrial portuguesa

O governo de Lisboa adopta providencias

LISBOA, 23 (A. A.) — O governo resolveu, afim de evitar a crise industrial, conceder ao Banco de Portugal as sommas necessarias para facilitar os creditos da media e pequena industria, emquanto não for organizado o credito industrial.

Com o mesmo objectivo, já foi nomeada uma commissão que estudará a situação dos caminhos de ferro.

LISBOA, 23 (A. A.) — Foram reduzidas de 50 % as tarifas de transportes de combustiveis, nas Estradas de Ferro do Estado.

Foram tomadas, tambem, outras medidas que virão dar grande incremento ás remodelações projectadas nas Estradas.

# FEMINISMO não é masculinização...

**"A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres e a condutora dos filhos pelos labirintos da vida"**

Só no terreno intelectual é que devem ser equivalentes os direitos dos dois sexos —  
Outras surpresas na sinceridade da tese de uma escritora paulista

A IV Convenção Nacional de Mulheres, realizada recentemente no Rio, condensou os pontos de vista da mulher brasileira, de modo a que pudesse a Sra. Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, representante do Brasil no Congresso Feminino a se reunir em Washington, exprimir e defender naquele conclave, o verdadeiro pensamento das feministas do país. Nessa convenção, muitos valores novos surpreenderam, revelando idéias e temas que muito recomendam a cultura e a formação da mulher brasileira. Das teses apresentadas, uma obteve singular êxito e repercussão. Foi a da escritora paulista Hecilda Clark Ferreira. Colocando-se num ângulo oposto ao das feministas que só entendem a emancipação da mulher como uma tentativa para uma verdadeira masculinização, aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos. Numa palestra com O GLOBO, a Sra. Hecilda Clark Ferreira assim explicou a sua tese:

— Realmente, a tese que tive a honra de apresentar à Convenção, versou sobre o preparo cultural da mulher, tanto assim que a intitulei de "A cooperação da mulher como fator imprescindível à civilização dos povos, e a cultura como veículo seguro à emancipação da mulher". No meu ponto de vista, a educação deve ser a maior preocupação da mulher, porque sem instrução não pode haver nacionalidade forte. A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres; e a condutora dos filhos pelos labirintos intrincados da vida. Pela imprensa e na tribuna venho, há longo tempo, tratando do magno assunto, desdobrando temas nos seus diferentes aspectos, exemplificando fatos, focalizando épocas a fim de caracterizar as minhas afirmativas em relação à questão. Francamente a vitória do

feminino não está na dependência da masculinização da mulher, de vez que é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer, conduzindo a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência. Julgo errôneas as opiniões que vêm medrando nesse terreno tão ingrato, que só têm servido para desorientar os adeptos sinceros e a ação dos propugnadores do verdadeiro feminismo, cujo êxito depende, unicamente, de um preparo racional a fim de que venha da adolescência a convicção do ideal, e assim aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro. É necessário afirmar que à mulher cabe a elevada missão de transmitir, com acerto, aos descendentes de uma raça o conceito perfeito dos deveres para com a família, a sociedade, a Pátria e a humanidade. Só considero equivalentes os direitos que outorgam capacidade intelectual na conquista do renome, nas letras, nas artes, nas ciências e na política. Na minha juventude, quando a inteligência se me foi aclarando para os diversos conhecimentos da vida, comeci a pensar seriamente na emancipação da mulher, certa de que a sua vitória depende sobretudo do preparo intelectual, da educação que se venha processando através das gerações.

## Dr. Malta da Costa

Análises médicas e vacinas autógenas. Ourives 5 (5.º andar).  
Tel. 22-3047.

## Leilão - Grajaú

RICO MOBILIARIO EM ESTILO LUIZ XV E XVI, NOTA-